

A perda da fé

Flusser, V., *Ficções Filosóficas*, São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998, p.129.

A seguinte imagem da posição do homem na sociedade (ou da sociedade enquanto conjunto de homens) é possível: tecido que vibra com informações que pulsam. Tal tecido pode ser imaginado como sendo composto de fios que transportam mensagens (“canais” ou mídia). Em seguida é preciso imaginar que tais fios se cruzam de diversas maneiras, e que informações se repesam e misturam em tais pontos de cruzamento. Tais nós podem ser chamados “emissores e receptores”, ou “espíritos”, ou “intelectos”, ou com denominação que dependerá da preferência de quem aplica tais etiquetas. Quem conseguir tal feito de imaginação (o qual é fácil somente à primeira vista) terá elaborado modelo útil para a orientação na crise que nos engloba.

Um das vantagens da imagem proposta é a de ilustrar a vacuidade de vários problemas. Por exemplo, do problema da dita dialética entre o homem e a sociedade. Será o homem função da sociedade ou a sociedade função do homem? O homem viverá para a sociedade, ou a sociedade funcionará para o homem? Há oposição entre consciência “individual” e “coletiva”, entre a “alma imortal” e a “alma do povo”? Será a cultura produto do espírito, ou o espírito produto da cultura? Transferidas para imagem proposta, tais perguntas carecerão de significado. O tecido imaginado é composto de fios, e a mão que penetrará nele nada captará a não ser os fios. Os nós formados pelos fios, e o próprio tecido formado por eles, não passam de combinações de fios. Ou: os fios (as mediações, as relações) são o que há de concreto, e os nós são o próprio tecido (o homem e a sociedade), são conceitos abstratos do campo relacional concreto. O problema da relação entre o homem e a sociedade é ilustrado, pela imagem, como problema abstrato.

Outra vantagem da imagem proposta é que ilumina certos problemas com luz inusitada. Por exemplo, o da memória. Não que tal problema não seja central em vários contextos. Na filosofia socrática é a memória o armazém de idéias, portanto lugar que liberta dos erros provocados pelas meras aparências. No pensamento judeu é a memória o lugar no qual vivem os mortos, portanto da imortalidade. Na psicologia é a memória o lugar no qual vivências são ou não são digeridas, portanto lugar de intervenções “libertadoras”. Na cibernética é a memória armazém de informações, portanto sistema que pode ser artificialmente elaborado, simulará memórias humanas e as ultrapassará em vários aspectos. Mas embora em tais contextos (e em outros) o problema da memória seja central, a imagem aqui proposta o coloca sob forma mais crua: se “homem” e “sociedade” são imaginados enquanto memórias (parciais e totais), o problema do armazenamento e da produção de informações passa a ser o problema existencial mesmo.

Tal colocação é crua e radical, porque articula uma antropologia negativa. Se imagino o homem enquanto memória, estou imaginando um ponto de coincidência de informações (um “cabide para relações”), e não algo concreto (uma “consciência”, uma “alma”, uma “coisa pensante”). Por certo: tal antropologia pode perfeitamente sintetizar os significados de “memória” do passado: o homem será memória em sentido socrático, judeu, psicológico, cibernético e outros. Mas não mais será “essência” (algo que é), mas “existência” (uma maneira de ser). Tal antropologia subjacente à imagem proposta existencializa o problema da memória ao imaginar o homem enquanto maneira de receber informações, armazená-las e emitilas.

As informações que pulsam no tecido imaginado e que constituem memórias parciais nos pontos de interrupção de trânsito (nos “nós” em ambos os significados do termo) são do tipo

“informações adquiridas”. Não que a distinção entre informação “adquirida” e “herdada” seja possível. Há todo um terreno intermediário de informações para as quais tal distinção carece de sentido. A pergunta se nascemos com a capacidade para a fala, ou se aprendemos a falar, não é boa. Mas, não obstante, o tecido imaginado pulsa apenas com informações adquiridas (“culturais”), porque as informações herdadas (“genéticas”) têm ritmo de transformação demasiadamente lento para ser percebido como pulsação do tecido da sociedade. A capacidade “natural” para a fala obedece a ritmo super-humanamente lento e é, portanto, percebida como “constante” no tecido imaginado. Por isso, os que acentuam a “condição natural”, “herdada”, “genética” etc. do homem cometem traição (embora não erro), porque acentuam o não-modificável: traem o ritmo da pulsação que somos.

É relativamente fácil dizer como tais informações adquiridas são armazenadas: em “códigos” (em que “código” é conjunto de símbolos ordenados em sistemas). O caráter simbólico das informações adquiridas e armazenadas em memória é importante. Informações do tipo simbólico devem ser apreendidas em dois níveis: no nível do simbólico (da “mensagem”) e no nível do código (da ordem na mensagem). Isto implica que uma dada memória só pode armazenar informações se estiver programada para os códigos nos quais estas são cifradas. Informações codificadas por códigos não programados em determinadas memórias (sejam elas homens ou sociedades) não são recebidas enquanto informações significativas, mas enquanto ruídos.

A dificuldade implícita na imagem proposta reside alhures. Impõe a pergunta: “De onde advêm às informações que pulsam no tecido?”. Sabemos, desde Kant, que tal pergunta deve ser desdobrada em duas, para Ter sentido. A saber: “De onde vêm às influências codificáveis?” e “De onde vêm os códigos?”, porque informações não advêm já prontas e codificadas. Kant mostrou à satisfação que a pergunta primeira é “metafísica” no mau significado do termo. Porque toda resposta possível deve, ela própria, ser codificada para Ter significado, portanto toda possível resposta se pressupõe a si mesma. Mas quanto à segunda pergunta, a imagem proposta escapa ao âmbito kantiano. Para Kant os códigos (as “categorias da razão”, ou as “formas simbólicas” neokantianas) transcendem a experiência e a informam, são a priori. Mas a imagem proposta sugere que é possível observar-se, na própria pulsação do tecido comunicativo, como códigos surgem, são elaborados e se esgotam.

Informações codificadas são produzidas nos mesmo dois níveis nos quais são recebidas, no da mensagem e no da ordem da mensagem. Podemos facilmente observar como o tecido produz informações no primeiro nível: várias memórias são acopladas para intercambiar as informações que armazenam, e assim informação nova é sintetizada. Tal acoplamento, chamado “diálogo”, é sumamente eficiente em estruturas como o é o discurso da ciência, e podemos observar como informações novas jorram em avalanches a partir de tais círculos dialógicos para inundar o tecido todo. Mas o que interessa aqui é observar como são produzidas informações no segundo nível, como códigos são elaborados.

Por certo: códigos surgem em toda parte como cogumelos depois da chuva. Por exemplo: o sr. Morse propõe um código, e este vai sendo aceito por toda uma região de comunicações dentro do tecido. Ou: um artista propõe um novo sistema simbólico para “dizer o até então inefável” (o que concorda com certas teorias românticas quanto à poesia), e tal código vai se estabelecendo enquanto “tendência em arte”. Mas tais códigos “especializados” que surgem e desaparecem em toda parte (nos vários ramos da ciência e da tecnologia, nas várias “escolas artísticas”, nas várias ideologias políticas etc.) não são o que a pergunta “De onde vêm os

códigos?” demanda. A pergunta é mais radical e demanda a origem de códigos “fundantes” que programam toda uma sociedade.

Não há sentido em falar-se em “códigos primeiros” (no sentido das “categorias transcendentais”), porque todo código exige outro (o código Morse foi codificado em inglês, e a língua inglesa pressupõe línguas anteriores) e porque toda pergunta quanto à origem no significado radical, Ursprung, é pergunta mal posta. No entanto, é possível falar-se em códigos “fundantes”, se tomarmos por critério a ordem pela quais símbolos são organizados. Aí poderemos distinguir entre códigos lineares, planos, tridimensionais, temporais diacrônicos, sincrônicos etc. Cada qual desses tipos de códigos poderá ser considerado “fundante” para toda uma série de outros, que lhe serão subseqüentes.

Todo tipo fundante de código pode ordenar símbolos da mais vária proveniência. Por exemplo: códigos lineares podem ser compostos de letras (escrita alfabética), números (notação matemática), imagens (códigos fílmicos), pedrinhas (ábaco), nós (notação incaica) e assim por diante.

O que importa é que, a despeito da diversidade dos símbolos, as informações codificadas linearmente são todas do mesmo tipo: devem ser “lidas” (os símbolos devem ser decifrados um por um seguindo a linha que os ordena). De maneira que embora o código fílmico e o fotográfico sejam compostos de símbolos comparáveis, as informações codificadas filmicamente têm caráter inteiramente diverso do das informações fotográficas.

A todo código fundante corresponde um determinado “universo de significado”. Aos códigos lineares corresponde um universo “processual”, no qual os significados dos símbolos são relacionados entre si como são relacionados os símbolos entre si no código: em linhas progressivas. Aos códigos planos corresponde um universo “cênico”, no qual os significados dos símbolos são relacionados entre si como se relacionam os símbolos dentro da superfície de uma imagem. E isto pode ser verificado com respeito a todo código fundante: está como que cercado de um universo de significado, o qual, no entanto, não “transcende”, mas com o qual está em retroalimentação constante. Projeta-o e nele se verifica.

A origem de um novo código fundante é acontecimento raro, mas, não obstante, observável. Um dos exemplos é a “invenção” da escrita linear no Oriente Próximo no terceiro milênio a.C; outro é a “invenção” do código tecno-imaginário (o dito “audiovisual”) no Ocidente da atualidade. É observável como se desenvolve, a partir de uma forma fundante (da escrita linear pictográfica no Norte da Mesopotâmia), toda uma série de subcódigos (hieróglifos, alfabetos, códigos numéricos, lógicos, científicos, artísticos etc.), como, ao longo de uma história de cinco mil anos é projetada, verificada, falsificada e reabsorvida toda uma série de universos de significado, e como, atualmente, o tipo fundante de código, o linear, tende a esgotar-se. O que é de observação mais difícil, por proximidade excessiva, é o atual surgimento de um novo tipo de código fundante a preencher o vácuo deixado pela decadência dos códigos lineares e a espelhar-se pelo tecido comunicativo do participamos enquanto memórias receptoras e emissoras.

O tecido aqui imaginado (o da sociedade ocidental) é programado basicamente para informações codificadas linearmente, para “textos”, embora informações codificadas diferentemente também pulsem por seus fios. É possível observar, atualmente, como o tecido se dissolve. Porque estão surgindo ilhas nele, nas quais as informações pulsam em códigos “audiovisuais” (ilhas do tipo TV e códigos de trânsito, mas também do tipo modelos científicos e técnicos), e porque tais ilhas tendem a espalhar-se qual câncer pelo tecido todo. O tecido ocidental é incapaz de absorver tais ilhas (armazenar suas informações em sua memória), porque não está programada para os códigos nos quais estão cifradas. Mas as ilhas, estas sim, são

capazes de absorver a comunicação ocidental, traduzir de códigos lineares para tecno-imaginários (de scripts em filmes e de novelas em programas de TV, mas também de modelos atômicos e de equações para programas de computadores).

A mesma descrição pode ser reformulada, se o ponto de vista for modificada: os participantes atuais da sociedade ocidental (os nós no seu tecido) são memórias programadas basicamente para informações codificadas linearmente, embora possam receber e emitir também em outros códigos (especialmente em imagens e em palavras faladas). Mas são incapazes de armazenar as informações que as irrigam ininterruptamente provindas das ilhas de comunicação tecno-imaginária, porque este tipo de código não está no seu programa. Destarte se transformam, com respeito a tais informações, de memórias em meras passagens, o nó que são se desfaz, e surge o que é chamado “o homem massificado”. Esse relaxamento dos nós é acompanhado pelo afrouxamento dos fios que medeiam entre eles, o que resulta naquele amolecimento das relações inter-humanas chamado “a massa solitária”. As ilhas dos novos códigos que se espalham incorporam, por sua vez, tais memórias em dissolução para tecer um novo tecido com eles, chamado “cultura de massa”, isto é, para recodificar o seu programa linear em novo programa.

A imagem proposta, na qual o “homem” e “sociedade” são conceitos abstratos de um campo concreto de relações de comunicação, permite dizer que tanto o homem ocidental quanto a sociedade ocidental não passam de abstrações de um programa concreto: o dos códigos lineares. Que tanto o homem ocidental quanto a sociedade ocidental “existem em função” de tal programa. Se substituirmos o termo “programa” pelo termo “fé” (substituição essa que se impõe, dado o caráter existencial do termo “programa”), poderemos dizer que tanto o homem ocidental quanto a sociedade ocidental são função de determinada fé, sem a qual não existem, nem tem sentido falar-se neles.

Tal fé específica (a qual não temos, mas a qual nos tem a nós) pode ser articulada, se considerarmos tratar se fé linearmente codificada. É fé em mundo processual, em mundo estruturado em linhas. Portanto, fé no Ser enquanto Ir-para; na vida enquanto progresso rumo a; no tempo enquanto fluxo de instantes irrevogáveis e únicos; no vir-a-ser enquanto desenvolvimento; em explicação enquanto desenrolar do implícito, na possibilidade de captar-se o mundo por dissolução em pontos claros e distintos, em suma: fé em que códigos lineares “captam a realidade”. Em outros termos: memórias programadas por códigos lineares (como o somos nós) existem “historicamente”, porque acreditam que o “mundo acontece”.

Tal fé, a qual não apenas sustenta a nossa existência, mas a põe, pode portar informações de tipos variáveis, e efetivamente o fez ao curso dos milênios: pode projetar vários universos de significado, verificá-los, falsificá-los, reabsorvê-los e projetar outros. Por exemplo, o universo da filosofia grega, das profecias judia, do cristianismo, do humanismo, do marxismo. A despeito das óbvias diferenças entre tais universos, todos eles são projeções da mesma fé fundante: da fé linear no progresso. A partir das aparências até as idéias, do mundo até Deus, do pecado até Cristo, do animal até o homem perfeito, da alienação até a sociedade comunista. Tais universos, e outros comparáveis, têm sido projetados no curso da nossa história (que é a única “história”, por sermos a única sociedade programada para códigos lineares), têm sido modificados e reabsorvidos, têm-se influenciado mutuamente e continuam pairando, mais ou menos esvaziados, qual espectros em torno do tecido da nossa sociedade.

Pois essa série de universos está atualmente encerrada. Porque o universo das ciências naturais é a derradeira realização do nosso programa. Nele, a fé ocidental se projeta integralmente. É universo o qual, quando reabsorvido, revela no seu fundo a estrutura pura do código linear: a lógica e a matemática. A história do Ocidente se esgota em tal universo, porque

esse universo realiza todas as virtualidades contidas no programa. Quando o universo é reabsorvido (quando a Fé na Ciência se perde), perdeu-se a fé ocidental tout court, porque a fé na ciência é a fé ocidental resumida. E a retomada do universo da ciência é inevitável, como o é a de todos os demais universos possíveis, quando se torna transparente para seu projeto: é isto que está acontecendo atualmente com o universo da ciências.

Pois a imagem aqui proposta serve de ilustração para a crise atual, ao mostrar que se trata se crise de fé. Nossas memórias estão em dissolução porque o seu programa está se esgotando: não podemos mais armazenar as informações que nos impingem, porque a estrutura de nosso programa se esvazia, e porque não somos programados para as informações provindas das ilhas novas: nossas memórias estão em dissolução porque não somos programados adequadamente para o mundo codificado que nos cerca. Isto implica que, a rigor, não mais existimos. Todos os demais sintomas da crise: o afrouxamento do tecido da sociedade, o isolamento individual, a decadência dos métodos de armazenamento (dos “conhecimentos e valores”) não passam de epifenômenos da perda de fé que nos corrói por dentro, que desfaz os nós que somos e faz com que deixemos de existir.

O abismo aberto debaixo dos nossos pés pela perda da fé é, no entanto, também abertura. Permite ver o além de nosso programa. Por certo: nossa geração não poderá penetrar a terra vista, porque, qual Moisés, somos prisioneiros de categorias que nos programam, embora tenhamos perdido a fé nelas. Mas podemos observar como as gerações novas, menos alfabetizadas que a nossa, emigram da história e adentram a terra incógnita da pós-história programada não linearmente. Observamo-lo com esperança e receio, porque esta é nossa tragédia e grandeza: somos simultaneamente a última e a primeira geração, fundadores de fé que não podemos compartilhar, em suma, a geração em crise.